

Ciro dá ênfase a projetos para a classe média

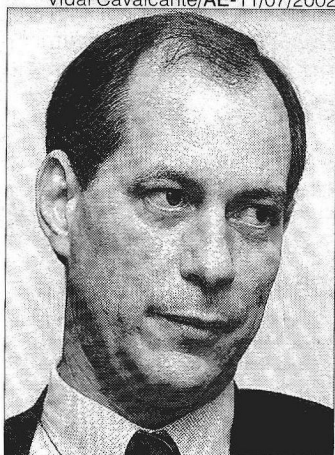
EDUARDO NUNOMURA

A classe média ocupa papel de destaque na agenda social do presidencial do PPS, Ciro Gomes. Ele inclui em seu programa a necessidade de melhorar as condições do brasileiro com nível médio de renda. É uma estratégia com lógica coerente. Novamente inseridas no mercado consumidor, essas pessoas tendem a reclamar e brigar por seus direitos, criando um ciclo na economia que incorporará, conseqüentemente, os mais pobres.

O caso da saúde serve como exemplo. Ciro defende o retorno à idéia original do Sistema Único de Saúde (SUS), cujos recursos são cada vez mais desviados para provedores privados. Se a rede pública voltar a reter as verbas, a classe média pode dispensar planos de saúde particulares, argumenta. Incorporados ao sistema, eles exigirão melhor atendimento. E isso beneficiaria os pobres, que só podem recorrer a esse tipo de assistência.

Na educação, o mesmo raciocínio: atrair alunos de classe média, diz, significa ter de melhorar a escola pública. Até na questão agrária, nacionalmente conhecida como a luta dos marginalizados, Ciro faz questão de tratá-los de forma diferente. Quer transformar o proletariado de lavradores sem-terra numa classe média agrária, segundo seu programa de governo.

Ao incluir a classe média, Ciro quer tornar as ações sociais sensíveis à agenda política. Daí a repetida frase de que há dinheiro para adotar esses programas no País. De onde viriam esses recursos? De rubricas como passagens aéreas de autoridades e gastos com publicidade. "Como é que faz: as autoridades não vão mais viajar? Então pergunto: como é que faz a população que vive



Ciro: incorporar agenda política

debaixo dos viadutos", indaga o candidato. "O Brasil tem 33 milhões de pessoas que passam fome. Precisamos nos comprometer com elas."

Ciro defende retomar o emprego pelos setores de construção civil, turismo e agricultura, os mais baratos e de efeito mais imediato na economia. Para pôr em prática o projeto de construir 300 mil moradias populares por ano, ele prevê gastos de R\$ 3 bilhões. Cada unidade habitacional teria 45 metros quadrados e viria com luz elétrica e água. Tal projeto, prevê, implicaria mais investimentos na área de saneamento básico. "Dá para fazer no primeiro dia", garante.

Trabalhador – Sua preocupação, contudo, é que com o ritmo atual de crescimento não se criam empregos suficientes a médio e longo prazos. "A economia brasileira é a de maior ganho de produtividade do planeta, mas na prática estamos trocando gente por máquina", critica. Para enfrentar a situação, ele propõe requalificar trabalhadores e jovens. Uma das idéias é incentivar programas como os oferecidos pelo Centro de Solidariedade da Força Sindical.

Só com a reativação da economia, Ciro acredita que possa manter o salário mínimo em US\$ 100. Na sua opinião, esse nível "faz mais bem do que mal ao Brasil". Se eleito, ele quer unificar os programas assistencialistas num único, como o de renda mínima.